

Revendo a prática da Psicologia Social

vai bem. São muito poucos os psicólogos sociais; o governo não dá atenção às contribuições do psicólogo social; os educadores, psicólogos clínicos e agentes comunitários não percebem, em sua maioria, a imensa contribuição que a Psicologia Social tem a lhes prestar em suas atividades específicas. Em meu livro *Aplicações da Psicologia Social*, procurei apresentar exemplos de como a psicologia social pode ser útil à educação, à clínica, às organizações e à atividade comunitária. Não sei se tive êxito. A primeira edição se esgotou com rapidez mas a segunda não segue o mesmo ritmo. Ademais, há um grande isolamento entre os psicólogos sociais no Brasil. Não fosse por uma iniciativa do professor José Augusto Dela Coleta, convocando vários psicólogos sociais brasileiros para uma Sessão Técnica sobre "Quem é o Brasileiro?", na penúltima reunião da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto, esse isolamento seria ainda maior. Graças à iniciativa do professor Dela Coleta, um grupo de quase 10 psicólogos sociais de várias partes do Brasil estão trabalhando, desde então, em torno do tema proposto naquela reunião. No ano passado se realizou outra sessão na reunião anual da SPRP em que voltamos a nos encontrar e a reportar vários dados relativos à psicologia social do brasileiro. É nossa intenção publicar em livro, num futuro próximo, o que temos encontrado sobre esse assunto.

PCP: Quais as perspectivas da Psicologia Social no Brasil no seu ponto de vista?

AR: Penso que o futuro da Psicologia Social no Brasil dependerá muito dos seguintes fatores: a conscientização de que a Psicologia Social tem muito a oferecer às áreas aplicadas da psicologia e a outros setores de atividades; a aceitação de que a Psicologia Social é uma ciência básica e que a ela cabe descobrir as relações estáveis entre variáveis psicossociais a fim de possibilitar ao tecnólogo social a solução dos problemas sociais de forma consciente e não improvisada; que os cursos de psicologia social em nossas universidades sejam concebidos de forma tal que possam fornecer ao aluno um treinamento adequado em psicologia social. Se as coisas marcharem nessa direção, as perspectivas para o futuro são boas; do contrário, continuaremos limitados ao pequeno espaço de que dispomos atualmente no cenário da psicologia social em nosso país.



Sílvia Lane

Sílvia Lane: na origem da Psicologia Social já se encontram duas preocupações básicas: a aplicação prática — na seleção de pessoal, ao encontrar habilidades de relações sociais, etc. — e a questão das atitudes. Essas duas linhas vêm percorrendo a Psicologia Social até hoje. Acredito que isso está extremamente vinculado às condições históricas, sobretudo norte-americanas, porque é nos EUA que a Psicologia Social realmente se desenvolve. Para nós o problema se coloca em termos de América Latina; como adaptar, ou transportar, para a nossa realidade, uma Psicologia Social que se desenvolve num país com as características norte-americanas? Nós sentimos que ela tinha muito pouco a ver com a nossa realidade, acabava ficando restrita ao meio acadêmico. Era um discurso que não acarretava nada na prática e isso foi gerando uma necessidade de reflexão, uma crítica dessa psicologia, sem negar, é claro, as contribuições de Lewin, Festinger, Heidegger, por exemplo. Eu diria que essas são as grandes linhas hoje: uma linha mais comportamental, mais tecnológica e uma linha mais cognitivista.

No meu caso, sempre procurei, nos meus cursos, enfatizar que se nós temos uma teoria, ela só persiste se a

nossa realidade a confirmar. E só através da prática, da investigação, é que se pode fazer uma crítica da teoria, porque ela, em si, é insuficiente para explicar o real. A partir dessa crítica, nós tentamos ver onde é que estava a verdadeira contradição.

Dentro desse modelo mais experimental — seja cognitivista seja comportamentalista — vimos que o problema era que uma tradição positivista procurava manter a objetividade dos fatos e negar ou controlar a subjetividade, que assim ficava afastada do fato social. O indivíduo era o objeto de estudo e a concepção de social era apenas um cenário. Tínhamos de resgatar a subjetividade para a Psicologia Social e mais, deixar de ver o indivíduo como produto de si mesmo; porque a característica fundamental do ser humano é ele ser um produto histórico e, ao mesmo tempo, agente do meio.

“TEORIA E PRÁTICA TÊM DE VIR JUNTAS”

Do ponto de vista de uma revisão crítica da Psicologia Social, o problema agora é a prática que, acredito, deve ser revista. Na medida em que se tem a concepção do Homem como produto e agente histórico-cultural, a atuação do psicólogo tem que ser mais consequente. Ele não vive mais aquela dicotomia teoria x prática mas teoria e prática têm de vir juntas; então a prática tem de ser constantemente refletida, revista e reformulada. Na medida em que se pensa o Homem de uma outra forma, tem-se de pensar a atuação profissional também de outra forma.

Essa visão crítica da Psicologia Social só é possível na América Latina, porque as condições históricas de países extremamente desenvolvidos tornam o conhecimento deles inadequado para nós. Então, na América Latina surgem alternativas; os argentinos fazem uma revisão crítica de Freud, no Peru eles se voltam à literatura indigenista, tentando encontrar o sentido próprio de seu povo, por

exemplo. Nós fomos caminhando, com pesquisas em comunidades pobres, em periferias, sempre voltados à realidade social da maioria da população brasileira.

Quanto às perspectivas da Psicologia Social, atualmente nós estamos com o campo em aberto. Há muita pesquisa a ser feita e o grande desafio agora é chegarmos às categorias do pacto social; porque toda psicologia é social, a não ser que você assuma que o homem possa não ser histórico.

Nesse sentido, acho que as perspectivas são grandes. Demos um salto qualitativo, estamos sentindo que há um movimento que é brasileiro. A ABRAPSO — Associação Brasileira de Psicologia Social —, que se reúne na SBPC, em âmbito nacional e em assembleias regionais, durante o ano, é um exemplo disso. Dá para perceber que o movimento está avançando, não só com psicólogos mas também com assistentes sociais, antropólogos, sociólogos, que precisam da visão da Psicologia.

Tratou de persuadir os trabalhadores, candidatos naturais para o cargo, de que não eram as pessoas mais aptas para aquele posto.

Estamos diante de um duplo engodo: nem a realidade social cabe no receituário do tecnólogo e muito menos as soluções encontradas são capazes de resolver qualquer coisa, exceto o problema imediato do dirigente empresarial. Estamos diante de uma Tecnologia Social sem dúvida voltada a encobrir os problemas sociais e a serviço dos meios de produção.

Ideologia: o ponto fundamental da discussão

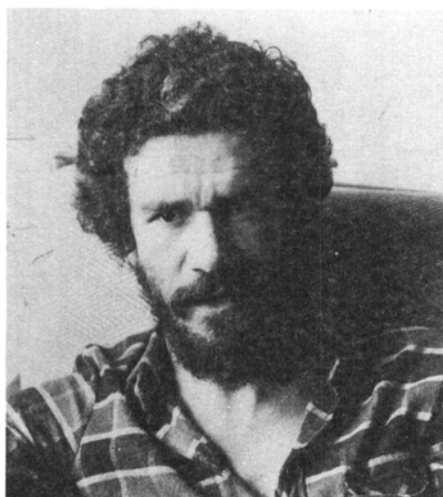


FOTO: MARISA UCHYAMA

Wanderley Codo:

Wanderley Codo: A proposta da Tecnologia Social se apresenta como uma nova abordagem em Psicologia Social, capaz de resolver problemas que vão desde a "persuasão da esposa quanto à melhor localização de um móvel na sala até a resolução de crises internacionais". Mas o que há de novo na Tecnologia Social? Segundo o próprio Varela, a novidade é exatamente esta: o uso da Psicologia para resolver problemas sociais, formando um aparato tecnológico. Evidentemente, qualquer ciência — e principalmente a nossa, voltada à compreensão do comportamento humano — tem como razão a intervenção social.

Tomemos Freud como parâmetro: sua preocupação era resolver conflitos de seus pacientes e por isso, exatamente, fundamentou e desenvolveu toda uma teoria que ainda hoje influencia a nossa compreensão do Homem. A diferença nas duas abordagens é a consciência da complexidade dos problemas humanos, que Freud sempre explicitou e Varela parece ignorar. O trabalho de Varela constitui uma autêntica "receita" para resolver problemas sociais: Nesse sentido se assemelharia muito aos livros que entulham as livrarias do tipo "como fazer amigos e influenciar pessoas", não fosse um certo colorido cientificista emprestado pela citação de alguns nomes respeitados na área.

Vejamos um exemplo de intervenção do tecnólogo: um dos problemas que resolveu foi o seguinte: uma empresa decidiu trocar o gerente e o escolhido para o posto foi uma pessoa de outra filial, provocando uma reação de mal-estar nos funcionários preteridos para o cargo.

O cientista foi chamado, então, a intervir exatamente para que a decisão se concretizasse "sem traumas para a empresa". Qualquer pessoa de bom senso saberia que as causas desse problema estão sediadas na estrutura alienada de trabalho na sociedade contemporânea — que permite aos diretores alterar a seu bel prazer os quadros de profissionais da empresa sem que os próprios tenham direito a opinar sobre isso — e nas características do mercado capitalista, em que a competição frenética angustia qualquer trabalhador numa perspectiva de mudança. O que fez o senhor Varela?

"O MUNDO ESTÁ CARENTE DE UMA TECNOLOGIA SOCIAL"

Quando se pergunta qual o papel da Psicologia Social nesse contexto, eu diria que o que pode nos interessar é o seguinte: porque o mero exercício do charlatanismo merece atenção de alguns pesquisadores considerados sérios nessa área de conhecimento?

Estamos vivendo numa sociedade psicologizada. Nunca os psicólogos tiveram tanto espaço nos meios de comunicação de massa como hoje. Alguns de nossos livros ganham status de best-seller, como ocorreu com Skinner, revistas especializadas são encontradas em qualquer banca de jornal, nosso vocabulário técnico está popularizado, etc.. E, infelizmente, não é por uma demonstração cabal de competência dos psicólogos que essa situação se apresenta. É antes, por atravessarmos a mais grave crise que o capitalismo já enfrentou, por estarmos diante de um quadro social carente de mudanças e com uma população desorganizada politicamente para enfrentar essa necessidade. Ou seja, uma situação propícia para o aparecimento do charlatanismo. De um lado, uma expectativa cada vez maior de soluções para a crise social e, de outro, a falta de instrumentos concretos para realizá-las.

Eis algo em que concordo literalmente com Jacobo Varela: o mundo está carente de uma Tecnologia Social. Mas que seja capaz de resolver não apenas querelas administrativas das empresas mas, principalmente, capaz de instrumentalizar o cidadão para a busca de sua própria cidadania.